

1. A PALESTINA HISTÓRICA

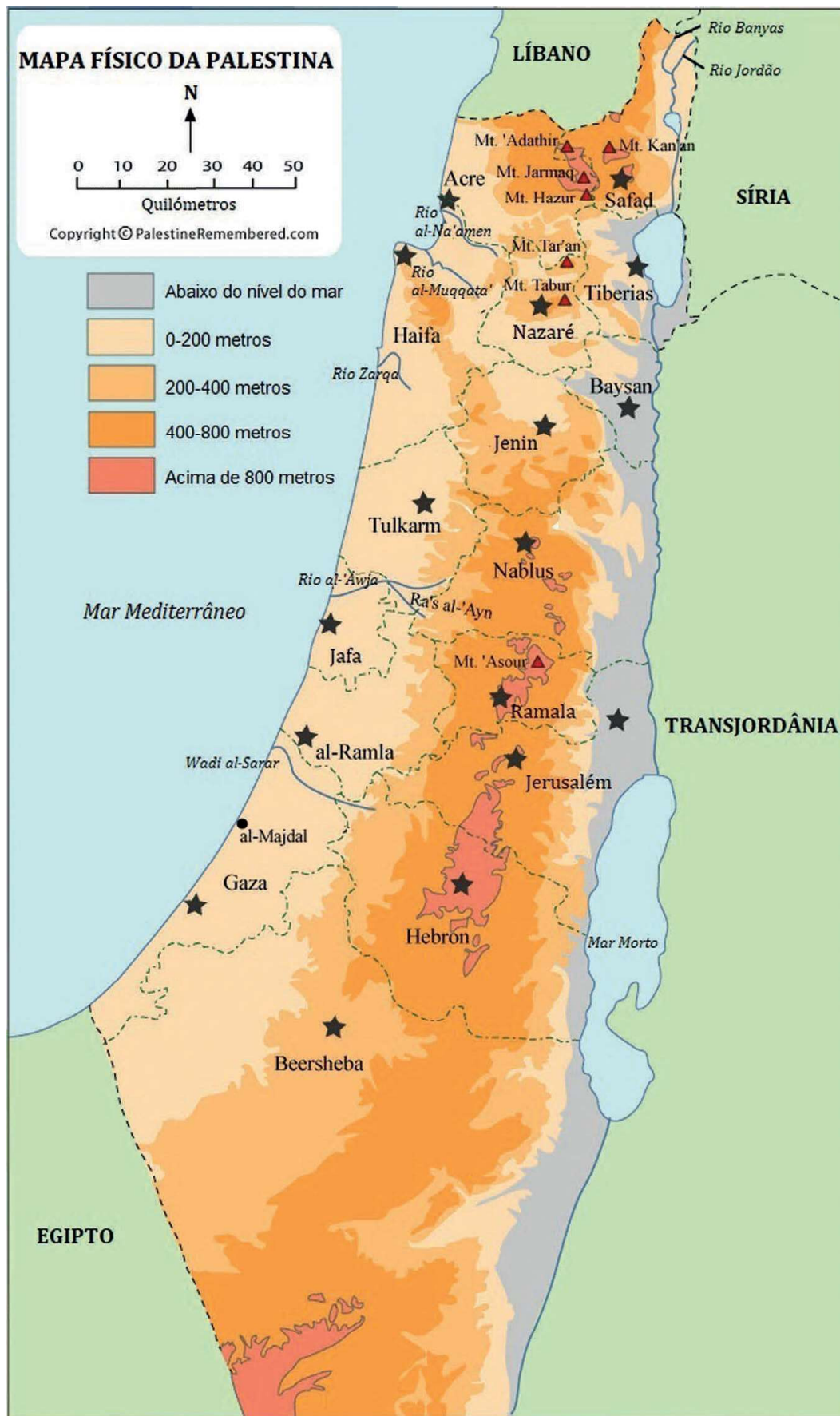
Heródoto (século v a.C.) designava por Palestina o território do Mediterrâneo Oriental situado entre a Fenícia e o Egipto. Mas o nome já surgia em registos egípcios e assírios e a designação manteve-se ao longo dos séculos até à actualidade. Presentemente associa-se a Palestina Histórica ao território delimitado no Mandato Britânico (1922-1948).

A Palestina foi governada, sucessivamente, por Gregos, Romanos, Bizantinos, Omíadas, Abássidas, Fatímidas, Cruzados, Aiúbidas, Mamelucos, Otomanos (1517-1917) e Britânicos (1922-1948).

Enquanto isso, os povos que habitaram continuamente o território da Palestina consolidaram um património cultural e linguístico comum que legaram aos seus descendentes modernos, os Palestinos. Os Palestinos falam um dialecto específico do Árabe Levantino e têm uma rica tradição cultural que chegou aos nossos dias sobretudo via oral.

Na transição do século XIX para o século XX, o sionismo difundiu a ideia de que a Palestina era um território que estava despovoado e deveria ser ocupado pelos Judeus, a quem ele teria sido atribuído por direito divino. Mas a Palestina não estava despovoada.

Ao aproximar-se o final do século XIX a Palestina tinha cerca de 500 000 habitantes, que falavam árabe e eram maioritariamente muçulmanos. Haveria 60 000 cristãos e 20 000 judeus. Quatro quintos da população viviam nas aldeias rurais, onde a exploração da terra era comunitária (*mushá'*) e a vida era regulada pelo xeique, ou ancião da aldeia. As cidades mais importantes, onde a nobreza urbana (os *a'yán*) tinha um papel influente, eram Jerusalém (al-Quds, em árabe), Acre, Hebron (al-Khalil, em árabe) e Nablus. Os nómadas beduínos faziam a ligação entre as aldeias e a cidade, assegurando as trocas comerciais.



O território da Palestina (aqui representado nas fronteiras do Mandato Britânico) é banhado a oeste pelo Mar Mediterrâneo e estende-se, para leste, através da planície costeira, elevando-se nas colinas centrais e descendo até abaixo do nível do mar no vale do Rio Jordão. Confronta a norte com o Líbano e termina a sul com o deserto de Naqab (Negueve) parte do grande deserto arábico.

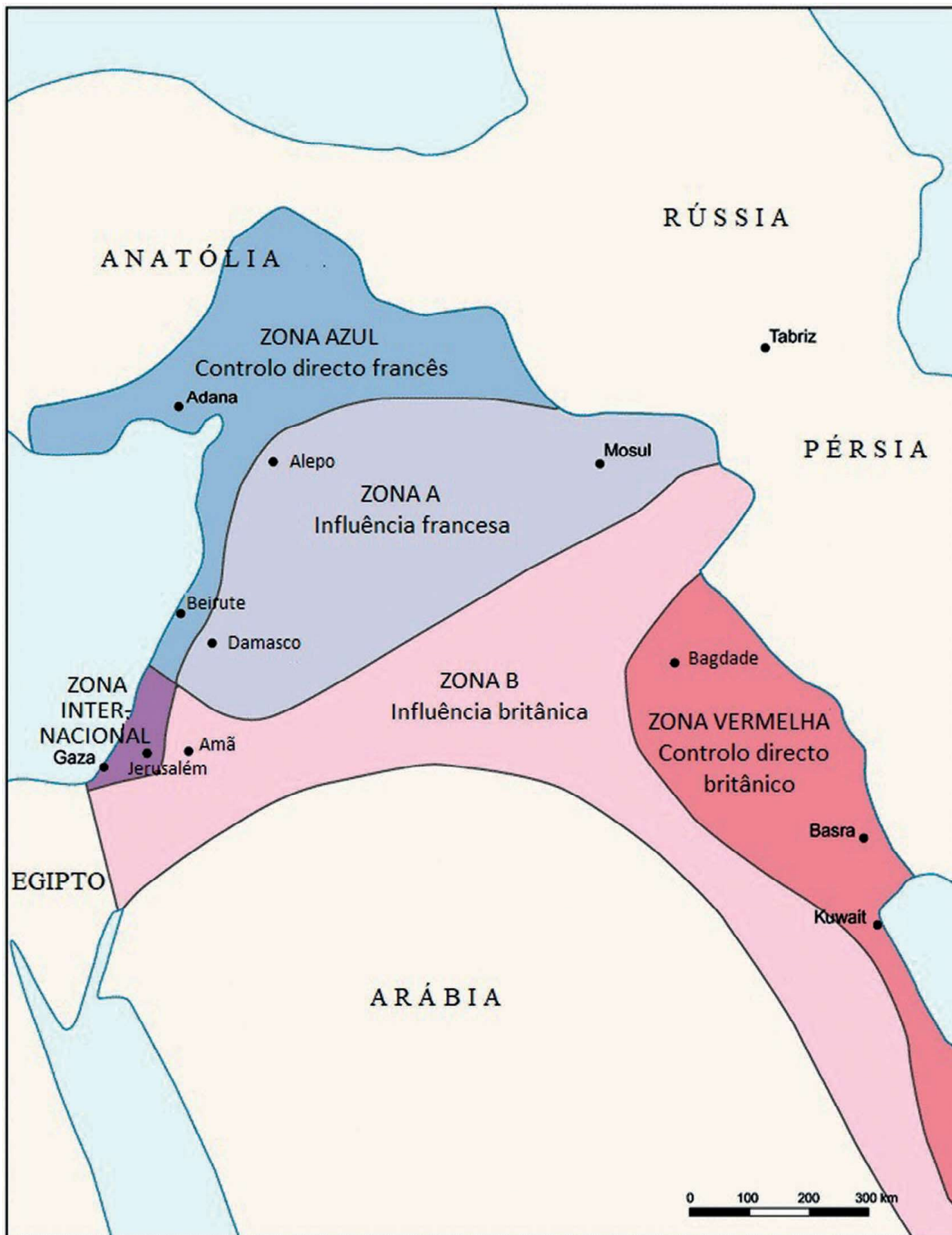


No início do século xx, a Cidade Velha de Jerusalém, junto à Porta de Jaffa, tinha uma intensa actividade em que participavam e convíviam muçulmanos, cristãos e judeus.

O fim da Guerra da Crimeia (1856) abriu as províncias otomanas à exploração económica europeia, iniciando a «modernização» da Palestina. As cidades cresceram e os *a'yán* ganharam poder económico e político no aparelho otomano. A agricultura de auto-suficiência deu lugar à produção comercial e o poder dos xeiques rurais declinou. Os pequenos agricultores perderam as terras para os grandes latifundiários e os pequenos comerciantes para as famílias urbanas abastadas. Os beduínos foram-se sedentarizando.

Se bem que a Revolta Camponesa de 1834, contra o domínio egípcio, seja considerada, por vários historiadores, como um evento determinante na formação da identidade nacional palestina, foi com as grandes mudanças do final do século XIX que o sentimento nacional árabe germinou entre os jovens intelectuais, intensificando-se durante o governo otomano anti-árabe dos Jovens Turcos, até atingir a generalidade da população, após a Primeira Guerra Mundial, em oposição ao colonialismo britânico e à imigração judaica.

A Primeira Guerra Mundial foi devastadora para a Palestina e para todo o Médio Oriente. Não só pela fome, pelas epidemias



O Acordo (secreto) Sykes-Picot, assinado em 16 de Maio de 1916 entre a Grã-Bretanha e a França, com o assentimento da Rússia ainda tsarista, dividia o Próximo Oriente entre Britânicos e Franceses em caso de derrota do Império Turco-Otomano, sem consideração nenhuma pelos interesses das populações locais.

e pela incorporação obrigatória no exército otomano, mas sobretudo pelas traições britânicas, cujas consequências perduram até hoje.

Para ter o apoio dos Árabes na guerra contra o Império Otomano, os Britânicos prometeram ao xerife Hussein de Meca um Estado árabe independente, promessa que não cumpriram (correspondência McMahon-Hussein, entre Julho de 1915 e Março de 1916).

No ano seguinte, os Britânicos ofereceram a Palestina aos sionistas para aí criarem o «Lar Nacional Judaico», numa carta de Arthur Balfour, ministro dos Negócios Estrangeiros britânico, para Lord Rothschild, dirigente da comunidade judaica (2 de Novembro de 1917).

Entretanto, Britânicos e Franceses, antecipando a derrota otomana, pactuaram dividir entre si o Médio Oriente pelo acordo secreto Sykes-Picot (16 de Maio de 1916), que teve o beneplácito da Rússia tsarista e que foi revelado pelos bolcheviques após a Revolução de Outubro.